

cado universalmente. De fato, quando um princípio "seja reconhecido e compreendido por alguém, é perfeitamente inútil perder tempo aplicando-o".

E M. Teste, diferentemente de Leonardo, desdenha de aplicar seu método ao que quer que seja. Toda a sua existência é consagrada ao exame de seus próprios processos intelectuais. Ele é um símbolo da consciência humana isolada de "todas as opiniões e hábitos intelectuais que se originam na vida comum e nas nossas relações externas com outros homens", e desembaraçada de "todos os sentimentos e idéias que são engendrados ou suscitados no Homem pelos seus infortúnios e receios, terrores e esperanças; e não livremente, pelas meras observações do mundo e de si mesmo." M. Teste é francamente, como o admite seu criador, um monstro. E conquanto exerça sobre nós certo fascínio, ressentimo-nos dele: ele nos dá arrepios. Simpatizamos com Mme Teste, que se sente contrafeita com a preocupação de M. Teste, com sua maneira de entrar num aposento como se não o visse, com o fato de tratá-la de "Ser" ou "Coisa". E embora ela o tema, embora não o compreenda, nunca deixou de adorá-lo; não inveja nenhuma outra mulher que tenha desposado um homem comum. E ele, quando desperta de suas meditações, por vezes a agarra bruscamente, como que com alívio, apetite e surpresa. M. Teste e Mme Teste são, afinal de contas, indispensáveis um ao outro.

Em 1917, Valéry desposa uma senhora do círculo de Mallarmé. E, passados vinte anos, começa a escrever de novo. André Gide logrou finalmente persuadi-lo a permitir que seus antigos poemas fossem coligidos e publicados, e Valéry teve a idéia de acrescentar-lhes um novo poema, de vinte e cinco a cinquenta versos — o último, talvez, que jamais escreveria. Mas, entretentes, durante seu período de isolamento, estudou Psicologia, Fisiologia, Matemática, e passou a preocupar-se com problemas de método. "Vinte anos sem escrever versos, sem sequer tentar escrevê-los, quase mesmo sem lê-los! (...) Então, esses problemas a se apresentarem de novo e a gente a descobrir que não conhecia o próprio ofício; que os breves poemas que se escrevera havia muito tempo tinham contornado todas as dificuldades, suprimido o que não sabiam como exprimir, usado uma linguagem infantil." Para o seu novo poema, ele se impõe "leis, exigências constantes, que constituem seu verdadeiro objetivo. É em verdade, um exercício, intentado como tal, e refeito e polido: uma produção inteiramente nascida do esforço deliberado e, a seguir, de um segundo esforço igualmente deliberado, cujo árduo propósito é o de mascarar o primeiro. Quem saiba ler-me

lerá uma autobiografia, na forma. O conteúdo é de escassa importância."

E esse poema, que deveria ter preenchido apenas uma página, ocupou Valéry por mais de quatro anos e alcançou finalmente a extensão de quinhentos e quarenta versos. No derradeiro momento, quando estava prestes a ser impresso (1917), Valéry lhe encontra o título, *La Jeune Parque*. Todavia, a despeito do título, de seu tom heróico e elevado, e de seus alexandrinos reverberantes, *La Jeune Parque* não é um poema francês convencional, sobre tema da mitologia grega. Valéry refere "a monstruosa junção de meu sistema, meus métodos e minhas exigências musicais com as convenções clássicas". É certo que esse misterioso poema representa um gênero que nunca aparecera antes na Literatura. A Hérodiade de Mallarmé e seu Fauno são precursores da jovem Parca de Valéry; já têm certa ambigüidade e parecem, em certos momentos, menos personagens imaginárias que nomes atribuídos a devaneios metafísicos. Mas Valéry levou muito mais adiante que Mallarmé as sutilezas de concepção, as complexidades de representação dessa forma caracteristicamente simbolista. Será *La Jeune Parque* o monólogo de uma jovem Parca, que acaba de ser picada por uma serpente? Será o devaneio do próprio poeta, despertando certa madrugada e permanecendo mais ou menos desperto, na cama, até o alvorecer? Será a jornada da consciência humana, pondo à prova todas as suas limitações, explorando todos os seus horizontes: amor, reflexão solitária, ação, sono, morte? O drama da mente que quer subtrair-se ao mundo e elevar-se acima dele, mas que é inevitavelmente arrastada de volta à vida e envolvida no processo da Natureza? É tudo isso; no entanto, os vários estratos, "físicos, psicológicos e esotéricos", conforme os descreve Francis de Miomandre, não são superpostos um ao outro, como na alegoria ou fábula convencional. Confundem-se e estão sempre fundindo-se entre si — e é isso que dá obscuridade ao poema. As coisas que ocorrem em *La Jeune Parque* e nos outros monólogos mitológicos de Valéry — o Narciso, a Pitonisa e a Serpente do rico período de atividade poética que se seguiu imediatamente a *La Jeune Parque* —, não são, por um lado, concebíveis como incidentes que estejam de fato ocorrendo, e nunca, por outro, inteiramente redutíveis a meros pensamentos na mente do poeta. O quadro nunca emerge de todo, a idéia nunca é de todo formulada. E, malgrado as magnificências de som, cor e sugestão, que encontramos em todos os poemas, estância a estância, parece-me que são insatisfatórios porque, de algum modo, não são assimiláveis como todos.